

# Espaços Seguros para a Primeira Infância em Parada de Lucas

Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância  
Compromisso com as infâncias do mundo



*Renata Tavares*

## Resultados da Pesquisa Malcolm Bush e Renata Tavares



**Rio de Janeiro, outubro de 2017**

*Este estudo foi desenvolvido por Renata Tavares, Malcolm Bush, Cynthia Ozon e Irene Rizzini. Ele é parte da linha de pesquisa e ação com foco sobre a Primeira Infância, do CIESPI/PUC-Rio, e do projeto "Infância sem violência: uma meta para o Rio", com apoio da Fundação Bernard van Leer, sob a coordenação de Irene Rizzini, Malcolm Bush e Maria Cristina Bó.*

## Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>5</b>
<b>1. A questão da primeira infância no Brasil urbano.....</b>	<b>6</b>
1.1 Importância da primeira infância .....	8
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>9</b>
2.1 Por que uma segunda comunidade?.....	10
2.2 Entrada na comunidade.....	13
<b>3. Características mais relevantes de Parada de Lucas.....</b>	<b>14</b>
<b>4. O que existe na comunidade para as crianças 0 a 8 anos? .....</b>	<b>19</b>
4.1 Tipos e quantidade de instituições .....	21
4.2 Vagas e inscritos .....	24
4.3 Equipes .....	25
4.4 Condições de financiamento.....	26
4.5 Serviços .....	28
4.6 Famílias.....	30
4.7 Acesso.....	31
<b>5. As instituições para crianças de 0 a 8 anos em Parada de Lucas são espaços seguros? .....</b>	<b>33</b>
5.1 Fatores de segurança.....	34
5.2 Fatores de insegurança .....	34
<b>6. Parada de Lucas é uma comunidade segura para crianças de 0 a 8 anos?.....</b>	<b>36</b>
6.1 Espaços externos à casa frequentados por crianças de 0 a 8 anos de idade.....	37
6.2 Os fatores de segurança nos espaços externos.....	38
6.3 Os fatores de insegurança nos espaços externos .....	40
<b>7. Considerações da pesquisa .....</b>	<b>42</b>
7.1 O que poderia aumentar as condições de segurança nas instituições? .....	42
7.2 O que poderia aumentar as condições de segurança nos espaços externos?.....	45
<b>Conclusões .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>51</b>
<b>ARQUIVOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS .....</b>	<b>51</b>

## Índice de Figuras

<b>Figura 1 - Berçário .....</b>	<b>11</b>
<b>Figura 2 - Mapa da comunidade de Parada de Lucas.....</b>	<b>16</b>
<b>Figura 3 - Valão que margeia a creche .....</b>	<b>18</b>
<b>Figura 4 - Sala com perfuração de bala .....</b>	<b>36</b>
<b>Figura 5 - Praça na entrada da comunidade .....</b>	<b>38</b>
<b>Figura 6 - Esgoto a céu aberto .....</b>	<b>41</b>

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1 - Comparativo entre as comunidades .....</b>	<b>12</b>
<b>Quadro 2 - Distribuição das instituições por área de atividade e características .....</b>	<b>22</b>
<b>Quadro 3 - Distribuição das instituições da amostra por área de atividade e características .....</b>	<b>23</b>
<b>Quadro 4 - Atividades detalhadas oferecidas pelas instituições da amostra .....</b>	<b>29</b>
<b>Quadro 5 - Espaços existentes para crianças de 0 a 8 anos em Parada de Lucas .....</b>	<b>37</b>
<b>Quadro 6 - Prioridades destacadas em Parada de Lucas, por eixos do PMPI RJ .....</b>	<b>48</b>

## Apresentação

Este relatório apresenta os resultados da pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” (ESPI), desenvolvida na comunidade de Parada de Lucas, no Rio de Janeiro. O estudo é parte de uma linha de pesquisa e ação com foco sobre as crianças na primeira infância<sup>1</sup>, desenvolvida pelo Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (CIESPI/PUC-Rio) e com o apoio da Fundação Bernard van Leer<sup>2</sup>.

As comunidades urbanas de baixa renda demonstram grande diversidade para além de suas diferenças geográficas, a exemplo das suas histórias de ocupação, inserções do Estado e exposição à violência, para citar alguns fatores. Tendo em vista as singularidades e, muitas vezes, a dificuldade de acesso a estas localidades, buscamos conhecer elementos do cotidiano de vida das crianças na primeira infância em dois territórios, um na zona sul e outro na zona norte da cidade do Rio de Janeiro.

A primeira comunidade pesquisada foi a Rocinha, na qual o CIESPI construiu conexões e parcerias de longa data com lideranças comunitárias e agentes institucionais<sup>3</sup>, escolhida por ser uma comunidade inserida numa região da cidade valorizada economicamente, a zona sul. Diferentemente do caso da Rocinha, Parada de Lucas não era conhecida pela equipe do CIESPI/PUC-Rio. Foram necessários muitos encontros, entrevistas e caminhadas pela comunidade para relatar o que segue detalhado neste relatório.

---

<sup>1</sup> A pesquisa denominada “Espaços Seguros para a Primeira Infância” (ESPI) é um dos estudos previstos no âmbito do projeto “Infância sem violência: uma meta para o Rio”, com o apoio da Fundação Bernard van Leer.

<sup>2</sup> A Bernard van Leer é uma fundação filantrópica holandesa de concessão de subsídios, privada. Sua missão é melhorar as oportunidades para crianças na primeira infância que estão crescendo em circunstâncias social e economicamente difíceis. Para saber mais, acesse: <<https://bernardvanleer.org>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

<sup>3</sup> Para saber mais, acesse: OZON, C. e BUSH, M. **Relatório da pesquisa Espaços Seguros para a Primeira Infância na Rocinha**, 2016. Disponível em: <[http://www.ciespi.org.br/media/Pesquisas%20e%20Políticas%20Publicas/1ESPI\\_Relatorio.pdf](http://www.ciespi.org.br/media/Pesquisas%20e%20Políticas%20Publicas/1ESPI_Relatorio.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2017.

Consideramos que as análises realizadas a partir da investigação dos lugares de cuidado para crianças pequenas, nas duas comunidades pesquisadas, possam dialogar com outras realidades do país. Esperamos que os aprendizados e recomendações possam contribuir para subsidiar a melhoria e a multiplicação de espaços seguros para as crianças na faixa etária de 0 a 8 anos.

Almejamos que as mesmas lições facilitem a implementação de políticas públicas efetivas para as crianças, afinadas com o Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI RJ)<sup>4</sup>.

## **1. A questão da primeira infância no Brasil urbano**

A pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” está focada na primeira infância do Brasil urbano. Segundo o IBGE (2010), cerca de 80% da população do Brasil vive em zonas urbanas.

O espaço urbano oferece facilidades à vida moderna, mas limita diversas práticas lúdicas e brincadeiras, por exemplo. Tal constatação ganha contornos mais acentuados nas comunidades onde, de acordo com os entrevistados, as brincadeiras raramente acontecem na rua por falta de espaço e segurança.

O brincar é parte fundamental do desenvolvimento infantil na primeira infância. Sabe-se que um grande número das crianças que vivem nas cidades em apartamentos e casas pode apresentar dificuldade em encontrar espaços propícios para determinadas brincadeiras, em comparação com a zona rural. *“Brincadeiras de áreas rurais têm algumas características particulares: acontecem em amplos espaços em contato direto com a natureza”* (FRIEDMANN, 2012, p. 26).

---

<sup>4</sup> O CIESPI/PUC-Rio lançou em dezembro de 2015 uma edição ilustrada do Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI RJ) no intuito de contribuir para a sua divulgação. A edição contém fotografias que compõem o acervo “Crianças no Rio de Janeiro: contrastes”, e foi realizada em parceria com a Universidade de Østfold, na Noruega. Disponível em: <<http://www.ciespi.org.br/media/Livros%20e%20Periodicos/Livros%20e%20periodicos%20pg%201/3PMPI.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2017.

Os fatores abordados no relatório da pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância (ESPI) Rocinha” e os que serão explicitados neste, sobre Parada de Lucas, apontam que nessas comunidades as crianças pequenas têm se desenvolvido em contato cada vez menor com a natureza, com ambientes abertos ou ao ar livre. Os iminentes confrontos armados e a precariedade das infraestruturas de saneamento e lazer, dentre outros aspectos, são motivos comuns da busca por lugares fechados para as crianças brincarem. Tal realidade contrapõe o que afirma o Marco Legal da Primeira Infância (2016) no que se refere ao direito de brincar e às condições sociais e espaciais que o Poder Público deve prover:

*Art. 17. A União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios deverão organizar e estimular a criação de espaços lúdicos que propiciem o bem-estar, o brincar e o exercício da criatividade em locais públicos e privados onde haja circulação de crianças, bem como a fruição de ambientes livres e seguros em suas comunidades.*

Para além do brincar, pesquisas em todo o mundo têm comprovado que crianças que crescem em comunidades de baixa renda com alta vulnerabilidade social nas questões de emprego, moradia, saneamento e violência enfrentam problemas que podem afetar seriamente o seu desenvolvimento. Acredita-se que esses danos possam gerar consequências em longo prazo nos seus aspectos físico, emocional, social e econômico.

Consideramos importante pontuar que condições e oportunidades para crianças na primeira infância variam muito entre as comunidades urbanas de baixa renda. Rocinha e Parada de Lucas oferecem contrastes importantes em seu território tais como, as condições demográficas e culturais de cada localidade, as características de sua rede de serviços, e o usufruto da cidade por seus moradores, só para citar alguns. Uma das metas dessa pesquisa é utilizar as lições aprendidas para apoiar as comunidades no desenvolvimento de estratégias que possam subsidiar políticas e práticas locais e municipais, sobretudo.

Espera-se com isso contribuir para a priorização da primeira infância no Brasil urbano, respeitando sua diversidade e suas especificidades regionais.

## **1.1 Importância da primeira infância**

Pensadores do início do século XX<sup>5</sup> e recentes pesquisas em âmbito internacional<sup>6</sup> têm afirmado a importância de se investir no cuidado de crianças pequenas visando ao seu desenvolvimento integral. Compreende-se que nos primeiros anos de vida são estabelecidas as bases para o desenvolvimento integral em suas várias dimensões: cognitiva, emocional, social e moral.

Tais pesquisas sugerem que políticas públicas destinadas a esta faixa etária devem ser compreendidas pela sociedade, incluindo seus governantes, como um bom investimento e não como mera despesa, em virtude de seus amplos e duradouros benefícios.

É comprovado que o cérebro infantil se desenvolve com mais rapidez nos primeiros dois a três anos do que em qualquer outro momento da vida. Na primeira infância, problemas como desnutrição e falta de proteção adequada têm efeitos nocivos que podem repercutir no indivíduo ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Mesmo que as crianças pequenas apresentem características semelhantes na forma como se desenvolvem no período inaugural da vida, não podemos nos referir à criança pequena como um padrão, mas sim às crianças em diferentes contextos<sup>6</sup>. Desta forma, a pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” focou não na criança pequena em si, mas nos contextos e nos diversos aspectos que a vulnerabilizam na comunidade de baixa renda estudada, que guarda similaridades com outras tantas comunidades urbanas brasileiras de baixa renda estudada, que guarda similaridades com outras tantas

<sup>5</sup> Os estudos sobre a criança, sobretudo a criança pequena, começaram a ganhar foco com as contribuições de pensadores como: Freud (1856-1939), Klein (1882-1960), Vygotsky (1896-1934), Piaget (1896-1980), Winnicott (1896-1971), dentre outros.

<sup>6</sup> CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A INFÂNCIA (CIESPI/PUC-Rio). **A criança na primeira infância em foco nas pesquisas brasileiras**. Disponível em: <[http://www.ciespi.org.br/media/Artigos/2014\\_CriancaNaPrimeiraInfancia.pdf](http://www.ciespi.org.br/media/Artigos/2014_CriancaNaPrimeiraInfancia.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2017.

comunidades urbanas brasileiras de baixa renda. Levou-se em consideração a incipiente efetivação das políticas públicas nesses locais, as alternativas criadas por essas comunidades para as crianças poderem brincar e aprender, e o espaço de suas casas.

## **2. Metodologia**

CIESPI, em seus trinta anos, atuou com pesquisas e projetos em várias comunidades de baixa renda dentro e fora da cidade do Rio de Janeiro. Contrapondo o histórico de proximidade entre o CIESPI e a Rocinha, trabalhar em Parada de Lucas foi desafiador, pois tratamos de conhecer este território a partir de poucas informações disponíveis. Os dados compilados no site da Prefeitura do Rio de Janeiro não traduziam a realidade da comunidade de Parada de Lucas, uma vez que se referiam ao bairro de mesmo nome e bem mais amplo em que está inserida. O CIESPI focou e restringiu a pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira

Infância” (ESPI) à comunidade e não ao bairro como um todo. Com o objetivo de conhecer melhor o território, desenhou-se uma aproximação com o campo de pesquisa que incluiu: um grupo focal com agentes comunitários de saúde, entrevista com o presidente da associação de moradores, participação na reunião do colegiado, promovida pela Clínica da Família e na reunião da 4<sup>ª</sup> Coordenadoria de Desenvolvimento Social (CDS), realizada na ONG AfroReggae. Para fins desta pesquisa foram selecionadas doze organizações, das vinte e oito mapeadas na comunidade de Parada de Lucas. Esta seleção baseou-se em características trazidas pelos agentes comunitários de saúde no grupo focal e por nossa guia, moradora antiga e com grande conhecimento do território. Assim como na Rocinha, a escolha das iniciativas da amostra procurou contemplar tipos diferentes de espaços como creche, escola, iniciativas esportivas, de arte e cultura e instituições de saúde, distribuídos em todo o território.

Buscamos entrevistar o responsável pela organização ou iniciativa, por meio de um questionário composto por trinta questões. Os principais tópicos abordados foram: clientela, atividades realizadas, financiamento<sup>7</sup>, estrutura, dificuldades, segurança e melhorias desejadas. A questão da segurança foi abordada respeitando a avaliação de cada um dos entrevistados. Usamos como parâmetro espaços internos e externos à casa, seguros ou não, frequentados por crianças de zero a oito anos de idade, moradoras da comunidade de Parada de Lucas.

Algumas informações objetivas analisadas neste relatório tiveram como fonte os sites da Secretaria Municipal de Saúde e do AfroReggae, e outras foram fornecidas nas entrevistas desta pesquisa. Entretanto, para além dos dados estatísticos e daqueles obtidos nas entrevistas, conhecer a comunidade implicou em muitas andanças e conversas com líderes e moradores.

Participar de reuniões locais com enfoques na saúde e na assistência social contribuiu para o enriquecimento do estudo.

## **2.1 Por que uma segunda comunidade?**

As condições de vida e as oportunidades para o desenvolvimento integral de crianças na primeira infância variam muito entre as comunidades de baixa renda. A pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” considerou importante, para suas conclusões, analisar iniciativas de comunidades que pudessem guardar entre si diferenças marcantes, principalmente no que tange a fatores que influenciam diretamente o desenvolvimento de crianças pequenas.

Com a intenção de dar visibilidade a alguns contrastes entre as duas comunidades, pontua-se que a Rocinha, localizada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, é conhecida no cenário de favelas cariocas por seu amplo equipamento social e pela vasta presença de iniciativas socioculturais.

---

<sup>7</sup> O termo “financiamento” neste contexto refere-se às formas de sustentabilidade financeira das instituições entrevistadas.

*"Foram identificadas cerca de 60 instituições com atividades voltadas para crianças pequenas com características bastante diversas quanto a sua origem, natureza dos fundos e atividades"* (OZON; BUSH, 2016, p. 18). Estas organizações foram mapeadas no Censo-ESPI Rocinha, concluído em 2015.

No estudo realizado em Parada de Lucas foram identificadas vinte e oito instituições com atividades oferecidas para crianças pequenas no espaço da comunidade, conforme exemplo apresentado na Figura 1 –Berçário. Os números das organizações e das vagas oferecidas são insuficientes diante das demandas familiares, guardando as devidas proporções referentes ao tamanho do território e da população das duas comunidades pesquisadas.

**Figura 1 - Berçário**



Fonte: Acervo do CIESPI/PUC-Rio

## Quadro 1 – Comparativo entre as comunidades

	<b>ROCINHA</b>	<b>PARADA DE LUCAS (Comunidade)</b>
<b>Localidade na cidade do Rio de Janeiro</b>	Zona sul	Zona norte
<b>Bairro</b>	Sim	Não*
<b>Número de habitantes</b>	69.000 (IBGE, 2010)	13.512 (Clínica da Família Joãosinho Trinta, 2016)
<b>Número de habitantes de 0 a 8 anos de idade</b>	17.000 (Estimativa com base em dados da SMS-RJ, OTICS, 2016)	1.600 (Estimativa com base em dados da Clínica da Família Joãosinho Trinta, 2016)
<b>Taxa de mortalidade (por 100.000 pessoas ao ano)</b>	7,4 (Estimativa da Área de Planejamento 2.1, SMS-RJ, OTICS, 2016)	13,4 (Estimativa da Área de Planejamento 3.1, SMS-RJ, OTICS, 2016)
<b>IDH (2000)</b>	0,733	0,742
<b>Segurança</b>	Presença de tráfico de drogas e de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)	Presença de tráfico de drogas

\*Existe o bairro Parada de Lucas, e a comunidade que leva o mesmo nome, alvo desta pesquisa, é parte desse bairro.

Fonte: pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” – ESPI (CIESPI/PUC-Rio, 2017).

Parada de Lucas tem o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) próximo ao da Rocinha. Sua população é cerca de cinco vezes menor, bem como são mais escassas as organizações não governamentais e os serviços de educação e de saúde. Atualmente, a comunidade vive um período mais pacífico em relação à violência armada comparativamente às décadas de 1980 e 1990, já que após este período a comunidade passou a ter o mesmo comando de tráfico que a comunidade vizinha. Porém, os riscos de invasões de outros traficantes e de incursões policiais não deixaram de ameaçar o direito à vida e o direito de ir e vir de seus habitantes. A ausência de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), em contraste com a Rocinha, e nossa proximidade com a Clínica da Família Joãosinho Trinta foram outros fatores importantes para a escolha desta comunidade na pesquisa. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

(IBGE) ressalta desigualdades importantes entre comunidades urbanas de baixa renda, embora haja características que sejam comuns aos chamados aglomerados subnormais. “A grande maioria dos domicílios em aglomerados irregulares do País não tem nenhum espaçamento entre as construções (72,6%) e possui apenas um pavimento (64,6%)” (IBGE, 2010). Outra semelhança significativa entre comunidades nos grandes centros urbanos e subúrbios é a presença de violência armada e a alta taxa de mortalidade de jovens negros (PELEGRINO, 2015).

Diferenças marcantes entre as comunidades variam entre as regiões do Brasil em que estão localizadas, mas variam também dentro de um mesmo município. Exemplos disso são as diferenças de nível de escolaridade de seus moradores, acesso a trabalho e renda, tempo de deslocamento para o trabalho, posse de bens materiais e infraestrutura de moradia e serviços. Além dessas diferenças entre as comunidades, dentro desses territórios pode-se também dizer que existem várias “localidades”. Para Alvito (2001) a ideia de uma comunidade homogênea e fechada, correspondente à “favela”, seria artificial, pois não espelha a sua multiplicidade interna. Não pretendemos negar essa multiplicidade, mas para efeito de compreensão geral deste relatório, denominaremos Rocinha e Parada de Lucas como comunidades de baixa renda, respeitando a escolha dessa denominação pelos entrevistados na pesquisa.

## **2.2 Entrada na comunidade**

A entrada na comunidade foi facilitada por nosso conhecimento prévio de profissionais da Clínica da Família Joãozinho Trinta, que atende esse território. Nossa chegada teve início com uma reunião com a gerente dessa Clínica em Parada de Lucas.

Por uma questão de segurança e por desconhecermos a geografia e a dinâmica do local, contatamos uma pessoa de referência, atuante numa associação comunitária, o Núcleo de Primeiros Socorros de Parada de Lucas, para nos acompanhar durante todas as caminhadas e entrevistas realizadas na comunidade. Doravante iremos chamá-la de “nossa guia”.

A primeira caminhada pelas ruas, ruelas e becos, de quase duas horas, foi tranquila em termos de segurança, mas intensa em imagens, principalmente para nossos olhares não habituados àquele contexto.

Os bares estavam habitados por homens enquanto mulheres passavam apressadas sozinhas ou com crianças de mãos dadas ou em seus colos, de forma geral. Algumas senhoras idosas costuravam em suas varandas e nos acenavam com sorrisos.

Nos pontos estratégicos eram visíveis grupos formados pelas “novinhas” e por “meninos do tráfico”<sup>8</sup>. Outros membros do tráfico se faziam presentes andando pelas ruas com seus rádios comunicadores e armas, mas não pareciam se incomodar com nossa presença.

Como medida de segurança, nós sempre telefonávamos para a nossa guia antes de entrar, e ela informava se o ambiente estava propício ou não para caminhadas pela comunidade. Ao caminhar e interagir com imagens, cores, cheiros e sons de Parada de Lucas, concluímos que esta seria a escolha acertada para os contrapontos necessários às análises propostas pela pesquisa ESPI.

### **3. Características mais relevantes de Parada de Lucas**

Antes de falar de Parada de Lucas tratemos brevemente do bairro em que está inserida. O bairro Parada de Lucas<sup>9</sup> localiza-se na zona norte do Rio de Janeiro. Sua população está entre vinte mil e vinte e cinco mil

---

<sup>8</sup> Categorias do próprio campo. Termos usados frequentemente pela moradora que nos acompanhou na visita inicial e nas entrevistas (nossa guia).

<sup>9</sup> A denominação, delimitação e codificação do bairro foram estabelecidas pelo Decreto nº 3158, de 23 de julho de 1981, com alterações do Decreto Nº 5280, de 23 de agosto de 1985.

habitantes<sup>10</sup>. Ele compartilha fronteiras com os bairros Cordovil, Irajá e Vigário Geral, e com o município de Duque de Caxias. O nome do bairro origina-se da fusão entre o nome de um importante proprietário de terras da região – Lucas – e a existência de uma estação de trem, inaugurada em 1949.

No governo Washington Luiz, o bairro foi cortado pela antiga estrada Rio-Petrópolis, que corresponde à atual Rua Bulhões Marcial. Ao longo da Avenida Brasil, na década de 1950, foram instaladas indústrias como o Parque Gráfico da antiga Editora Bloch (1970) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O bairro comporta em seu território a favela/comunidade denominada Jardim Beira Mar, mas popularmente conhecida com o mesmo nome do bairro: Parada de Lucas.

A ocupação que originou a comunidade, a princípio denominada Conjunto Rádío Nacional, data de 1931 e localiza-se entre a linha férrea, a Avenida Brasil e a Área Militar da Marinha. A ocupação começou com a chegada de pessoas que moravam no Morro da Caixa D'Água e sua expansão se deu em 1965, com a chegada de moradores do Morro da Titica (atual Cidade Alta), além das pessoas afetadas pelas remoções das comunidades da zona sul do Rio de Janeiro<sup>11</sup>.

Nesta mesma época e local nasceu um projeto da Igreja Católica chamado Cruzada São Sebastião. Esta instituição tentou organizar e construir algumas casas, uma escola e uma creche, mas, pouco tempo depois, o projeto ficou sem recursos financeiros e a ocupação mais desordenada se intensificou, participando de sua rede elétrica.

---

<sup>10</sup> RIO EM NÚMEROS. Disponível em: <[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index\\_bairro.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm)>. Acesso em: 23 ago. 2016.

<sup>11</sup> Para mais informações, acesse: <[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/Bairros-Cariocas/main\\_bairro.asp?area=047](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/Bairros-Cariocas/main_bairro.asp?area=047)>. Acesso em: 22 ago. 2016.

A maior circulação de moradores é feita por meio de ruas e as poucas ruas largas estão fechadas por barricadas de pneus, troncos de madeira e estruturas de concreto, ali colocados pelo grupo de tráfico de drogas que domina o local.

Atualmente, o comércio é composto basicamente por bares, mercearias e salões de beleza, predominantemente gerenciados por descendentes de migrantes nordestinos. Registra-se que a "era de Adolfo Bloch" trouxe um tempo muito próspero para o bairro com a implantação da gráfica da Bloch Editores, na década de 1970, considerada na época a maior gráfica da América Latina. Muitos moradores dizem que aquele fora um período menos adverso devido aos empregos gerados por esta gráfica. O desemprego que vem atingindo todo o país tem afetado de forma contundente a população dessa comunidade.

De acordo com o mapa (Figura 2) criado pela Secretaria Municipal de Saúde, a Clínica da Família Joãosinho Trinta subdivide o bairro em seis microáreas: Porto Príncipe (laranja); Tagipuru (amarelo); Oslo (rosa); Lucas (azul); Democracia (verde) e Cartola (vermelho).

**Figura 2 – Mapa da comunidade de Parada de**



Fonte: SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (SMS); CLÍNICA DA FAMÍLIA JOÃOSINHO TRINTA. Mapa da comunidade de Parada de Lucas. Disponível em: <<http://www.tanomapa.org/comunidade/parada-de-lucas>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

A área de abrangência da amostra da ESPI se restringiu ao espaço geográfico que comporta a comunidade de Parada de Lucas, ou seja, segundo o mapa da Clínica da Família, as microáreas: Lucas, Democracia e Cartola (azul, verde e vermelho). A disparidade entre a comunidade e seu entorno é tão marcante que consideramos que os dados do bairro, de fato, pouco refletem a dura realidade da favela/comunidade<sup>12</sup>.

Segundo informação coletada na pesquisa, as creches e escolas públicas não são suficientes para atender toda a demanda da comunidade. Não há manutenção das poucas praças existentes e o esgoto segue “a céu aberto”. De acordo com o presidente da associação de moradores, o saneamento básico na comunidade de Parada de Lucas foi projetado para atender nove mil pessoas na década de 1990, mas a população quase duplicou em dezesseis anos e o esgoto não suporta esse aumento, vazando por todas as ruas da comunidade.

Existem poucas estruturas de uso coletivo na comunidade. São apenas duas praças e dois campos de futebol que se encontram depredados e um deles, visivelmente dominado pelos traficantes. Abordaremos essas estruturas no decorrer deste relatório.

Para além dos fios emaranhados e da limitação de mobilidade de veículos, existe um grande valão que atravessa a comunidade com seu forte odor e presença intensa de lixo, principalmente na região que margeia a creche pública conforme Figura 3. O lixo jogado no valão atrai ratos e lacraias para dentro das casas. Quando chove e o valão aumenta seu volume, crianças pulam nele para brincar a despeito de sua água extremamente poluída, e do risco de transmissão de doenças e ferimentos com objetos de toda sorte, que são descartados em sua extensão.

---

<sup>12</sup> Segundo dados da Clínica da Família, a comunidade/favela Parada de Lucas concentra em um espaço menor, um maior número de moradores em relação ao restante do bairro. A comunidade possui 3.772 domicílios e 13.512 habitantes com uma média de 3,6 pessoas por domicílio, segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2010.

### Figura 3 - Valão que margeia



Fonte: Acervo do CIESPI/PUC-Rio

O poder do tráfico de drogas é muito intenso em Parada de Lucas. Esse tema será recorrente no relatório, pois permeia toda a vida comunitária. Moradores relatam que os confrontos entre traficantes e policiais são os eventos mais temidos pela população. Quando estouram os fogos<sup>13</sup> todos correm para suas casas temendo as trocas de tiros. Os confrontos ocorrem em qualquer lugar e a qualquer tempo, não havendo preocupação com quem está na rua nesse momento, ainda que crianças, gestantes ou idosos.

---

<sup>13</sup>Nas comunidades localizadas na cidade do Rio de Janeiro é muito comum o uso de fogos de artifício com forte efeito sonoro para avisar sobre possíveis incursões policiais.

A população tem medo dos policiais e as crianças crescem com esta referência de temor. Como afirma uma das moradoras:

*Abriram (a polícia) a minha porta com chave mestra e eu não disse nada, porque poderiam jogar drogas em cima de mim, como já fizeram com um rapaz trabalhador aqui da comunidade.*

Paralelamente, o tráfico tem agido de forma mais ostensiva e menos velada, de acordo com outros relatos:

*O consumo de drogas está mais escancarado e estão chamando crianças para trabalhar com eles. Antes não era assim. Estão chamando crianças com menos de dez anos.*

#### **4. O que existe na comunidade para as crianças 0 a 8 anos?**

A comunidade de Parada de Lucas tem como característica possuir poucas organizações ou iniciativas que atendam aos moradores no território. É muito comum observar crianças maiores de cinco anos e adolescentes brincando desacompanhados de adultos nos becos e ruelas.

A associação de moradores, embora não atenda de forma direta crianças de zero a oito anos, destaca-se por ser detentora de importante conhecimento acerca da comunidade, incluindo o cuidado com as crianças pequenas no território em questão.

Elaboramos um primeiro esboço do mapa de instituições e iniciativas voltadas para crianças pequenas na comunidade de Parada de Lucas com base nas informações obtidas por meio do grupo focal com agentes comunitários de saúde e de sites de busca. A princípio, tivemos uma lista de quase quarenta iniciativas, mas, aos poucos, verificamos que muitas não trabalhavam mais com crianças e outras haviam encerrado suas atividades. Consideramos então, para o mapeamento, vinte e oito iniciativas e organizações atuando com crianças de zero a oito anos de idade dentro da comunidade.

Iniciativas religiosas, tão comuns em outras comunidades cariocas, não fizeram parte da amostra. Foram indicadas várias igrejas, mas nenhuma desenvolvia atividades para crianças de zero a oito anos de idade, para além dos cultos. Destacou-se o fato de não haver centros espíritas e de candomblé na comunidade e a guia informou que os poucos que existiam foram comprados e ocupados por igrejas evangélicas.

A crise econômica atual atingiu muitas organizações do terceiro setor. Na comunidade de Parada de Lucas, a única organização que ainda resiste com atividades para crianças pequenas é o AfroReggae. Ele chegou a atender setecentas pessoas, dentre crianças, adolescentes e jovens. Antes divididas em três turnos, as atividades foram reduzidas e no período da entrevista (agosto de 2016) funcionavam apenas duas oficinas, com encontros semanais, reunindo no total sessenta crianças e adolescentes. Organizações como JOCUM e Sol Nascente, que foram referências, fecharam suas portas na comunidade nos últimos anos.

A comunidade de Parada de Lucas tem como característica possuir poucas organizações ou iniciativas que atendam aos moradores no território. É muito comum observar crianças maiores de cinco anos e adolescentes brincando desacompanhados de adultos nos becos e ruelas.

A associação de moradores, embora não atenda de forma direta crianças de zero a oito anos, destaca-se por ser detentora de importante conhecimento acerca da comunidade, incluindo o cuidado com as crianças pequenas no território em questão.

Elaboramos um primeiro esboço do mapa de instituições e iniciativas voltadas para crianças pequenas na comunidade de Parada de Lucas com base nas informações obtidas por meio do grupo focal com agentes comunitários de saúde e de sites de busca. A princípio, tivemos uma lista de quase quarenta iniciativas, mas, aos poucos, verificamos que muitas não trabalhavam mais com crianças e outras haviam encerrado suas atividades.

Percebemos que para auxiliar no cuidado de crianças pequenas é muito utilizado o serviço de cuidadoras<sup>14</sup>. São mulheres que se dedicam a cuidar de crianças enquanto os responsáveis estão fora, cobrando para isso certo valor. Não apresentam nenhum tipo de formação ou capacitação para essa tarefa. Suas jornadas de trabalho chegam a durar até quatorze horas diárias para cobrir os turnos que as famílias demandam, incluindo, quando necessário e possível, sábados e domingos. É importante ressaltar que a existência de mães crecheiras ou cuidadoras reflete as poucas políticas de articulação trabalho-família em nosso país, dentre elas as insuficientes vagas em creches públicas e conveniadas/comunitárias.

Infelizmente, não foi possível realizar a entrevista com a creche municipal local. A Coordenadoria Regional de Educação (CRE) apresentou exigências que demandariam um tempo muito maior do que o planejado para esta etapa do projeto.

#### **4.1 Tipos e quantidade de instituições**

O número reduzido de serviços básicos de educação e saúde dentro da comunidade faz com que os moradores acessem serviços de seu entorno. Esse deslocamento pareceu naturalizado pelas famílias, que não demonstraram se incomodar com travessias perigosas, como a da Avenida Brasil, ou longas caminhadas para acessarem os serviços localizados em bairros vizinhos.

Das primeiras quarenta iniciativas mapeadas, a ESPI filtrou as que estavam no espaço geográfico da comunidade de Parada de Lucas. Os serviços situados fora, mas bem próximos à comunidade, embora indicados pelos moradores e líderes comunitários não foram considerados no mapeamento geral. Suprimir os nomes das organizações inativas, das situadas fora da comunidade e das que não estavam trabalhando diretamente com crianças de zero a oito anos de idade resultou na compilação de vinte e oito organizações, apresentadas no Quadro 2.

---

<sup>14</sup> Essa função de “cuidadora” existe em outros territórios com o nome de “mãe crecheira”, mas para este relatório, será adotada a mesma nomenclatura utilizada pelos moradores de Parada de Lucas.

**Quadro 2 – Distribuição das instituições por área de atividade e características**

<b>ÁREA DE ATIVIDADE</b>	<b>Nº</b>	<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>Nº</b>
Educação Formal	8	Creche e pré-escola	4
		Pré-escola	3
		Pré-escola e escola	1
Cuidadora	7	Cuidado alternativo, relativo à creche	7
Explicadora	4	Apoio às atividades escolares	4
Instituição Religiosa	6	Iniciativas variadas voltadas para crianças de zero a oito anos	6
Esporte	1	Atletismo	1
Arte e Cultura	1	Percussão, cinema, grafite etc.	1
Saúde	1	Atenção primária – unidade de saúde.	1
<b>Total</b>			<b>28</b>

Fonte: Dados da pesquisa de campo “Espaços Seguros para a Primeira Infância” – ESPI em Parada de Lucas (CIESPI/PUC-Rio, 2017)

Das instituições relacionadas, algumas foram selecionadas para uma visita e entrevista, de acordo com sua importância para o território e disponibilidade de seus responsáveis. A amostra de iniciativas de Parada de Lucas, portanto, pode ser considerada uma amostra intencional, já que não se propôs a apresentar representatividade estatística. No Quadro 3 há uma descrição das instituições desta amostra.

As instituições de ensino foram agrupadas como educação formal e, nos subgrupos, classificadas de acordo com a legislação brasileira (LDB, 1996). Desta forma, a creche é definida como sendo um serviço educacional prestado para crianças de zero a três anos de idade, a pré-escola para crianças de quatro e cinco anos, e a escola para crianças a partir dos seis anos completos antes de trinta de março do ano letivo em questão.

### Quadro 3 – Distribuição das instituições da amostra por área de atividade e características

ÁREA DE ATIVIDADE	Nº total	Nº amostra	CARACTERÍSTICAS	Nº
Educação Formal	8	5	Creche e pré-escola	2
			Pré-escola	2
			Pré-escola e escola	1
Cuidadora	7	2	Cuidado alternativo, relativo à creche.	2
Explicadora	4	2	Apoio às atividades escolares	2
Esporte	1	1	Atletismo	1
Arte e Cultura	1	1	Percussão, cinema, grafite etc.	1
Saúde	1	1	Atenção primária – unidade de saúde.	1
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>12</b>		<b>12</b>

Fonte: Dados da pesquisa de campo “Espaços Seguros para a Primeira Infância” – ESPI em Parada de Lucas (CIESPI/PUC-Rio, 2017)

A maior parte das iniciativas selecionadas é recente, da década de 2000. Esse período é relatado como um período que marca a história da comunidade, pois o tráfico local passou a ser comandado pela mesma facção que dominava Vigário Geral. Com a homogeneização do poder do tráfico, as guerras constantes diminuíram, o que viabilizou algumas intervenções municipais, como saneamento básico, a abertura de uma organização não governamental e o aumento das lojas que compõem o mercado local.

Os próprios moradores foram responsáveis pelo surgimento de 58% das instituições existentes. Esse fato reflete o protagonismo da comunidade, por um lado, mas também representa a lacuna deixada pelo Estado, como ilustrado nos relatos a seguir.

*A cuidadora trabalhava como costureira e, quando sua vizinha ficou grávida, solicitou que ela ficasse como responsável por seu filho enquanto fosse trabalhar. Não havia vaga nas creches públicas locais e essa senhora era a única pessoa que a mãe confiaria para tal função. Aos poucos, foram chegando outras crianças e a senhora se intitulou como cuidadora. Quando a Gráfica Bloch faliu, seu marido passou a trabalhar na fábrica de água sanitária, mas adquiriu um severo problema de coluna. Ao ficar desempregado passou a ajudá-la, levando e trazendo as crianças da escola, o que qualificou seu serviço como cuidadora e aumentou sua clientela.*

*Na adolescência a diretora da pré-escola trabalhou em duas creches da comunidade como auxiliar de professora de educação infantil. Por volta de 1980 decidiu ter seu próprio negócio e transformou parte da casa de seus pais em uma escolinha. No início trabalhava com crianças a partir de dois anos de idade, ampliou seu espaço e, desde 2014 passou a atender crianças em idade de creche em um prédio próprio, anexo à escola e reformado para atender crianças pequenas.*

Moradores e entrevistados relataram que algumas organizações já atuaram em Parada de Lucas, mas, por motivos diversos, fecharam suas portas ou mudaram seu foco de atuação. No entanto, mesmo com a existência dessas organizações, o número de vagas nunca foi suficiente para suprir a demanda de atendimento às crianças pequenas da comunidade.

## **4.2 Vagas e inscritos**

Estima-se que na comunidade haja em torno de mil e quinhentas crianças de zero a oito anos de idade, de acordo com os registros da Clínica da Família local. No entanto, possui apenas uma creche municipal e outra conveniada<sup>15</sup>, somando um total de trezentas e vinte e seis vagas oferecidas sem custo direto para as famílias.

---

<sup>15</sup> As creches conveniadas são de origem comunitária, adequadas às regras solicitadas pelo Ministério da Educação (MEC) e depois de avaliadas ficam aptas a receber verbas públicas municipais. Para saber mais, acesse: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category\\_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

Além das vagas serem insuficientes, o período de atendimento em dois turnos – manhã e tarde – não atende à demanda de quem trabalha longe. Alguns entrevistados destacaram também que, várias vezes no mês, as creches públicas e conveniadas são obrigadas a liberar as crianças antes das dezesseis horas por motivo de confrontos armados ou por falta de condições materiais, como alimentação.

Há uma escola pública de Ensino Fundamental e nenhuma de Ensino Médio na comunidade. As crianças e adolescentes precisam se deslocar para estudar em outras escolas do bairro ou de seu entorno. A única escola pública local oferece quatrocentas e trinta e sete vagas para a pré-escola e o Ensino Fundamental. É uma das primeiras construções erguidas na comunidade. A escola começou a partir da chegada da Cruzada São Sebastião em Parada de Lucas, nos anos de 1950. Atualmente, apresenta-se muito depredada pelo tempo, necessitando de manutenções e reforma. O prédio ainda pertence à igreja católica e a escola funciona em esquema de comodato com a prefeitura, o que dificulta a autorização de obras, segundo a direção.

### **4.3 Equipes**

As equipes que atuam com as crianças nas organizações e iniciativas da amostra totalizam cento e cinquenta profissionais, sendo 26% ocupantes de cargos que demandam nível superior. As creches e pré-escolas particulares da comunidade, também denominadas pela população de “escolas de fundo de quintal”, não são registradas. Funcionam na ilegalidade, não recebem fiscalização da Secretaria de Educação e, por isso, limitam-se a atender crianças até os seis anos incompletos, já que para oferecer o Ensino Fundamental é necessário obter o registro da prefeitura.

A legislação brasileira (LDB, 1996) afirma a necessidade da formação das professoras da educação infantil, mas admite que isso é ainda um desafio e, em casos extremos, abre exceção para profissionais que possuem apenas o curso normal (Ensino Médio). De acordo com as diretrizes do Ministério da Educação (MEC):

*Podem lecionar nos Ensinos Fundamental e Médio das escolas de Educação Básica os graduados em licenciaturas e Pedagogia. Na Educação Infantil (creches e pré-escolas) e nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental, admitem-se professores com formação mínima de nível médio, na modalidade normal. Porém, o projeto de lei 5.395/09, que tramita no Congresso Nacional, prevê que apenas a Educação Infantil admita professores com formação mínima de nível médio, na modalidade normal (BRASIL, MEC, s/d).*

Fizeram parte da amostra da pesquisa três pré-escolas particulares de cunho comunitário. Estas somaram vinte e três profissionais, nenhum deles formado em Pedagogia ou com qualquer outra formação universitária, 56% possuíam o curso normal e 43% não tinham qualquer tipo de formação. Uma das diretoras entrevistadas declarou cursar o 6o período de pedagogia e estar muito satisfeita com o curso e com alguns resultados refletidos em propostas pedagógicas mais criativas para sua escola. Todas as demais diretoras relataram o desejo de iniciar o curso também, mas por motivos particulares diversos ainda não conseguiram.

#### **4.4 Condições de financiamento**

Na comunidade de Parada de Lucas a maioria (58%) das organizações entrevistadas era particular, dependentes das mensalidades pagas pelas famílias das crianças atendidas. Muitas relataram que as famílias não costumam atrasar o pagamento e, quando o fazem, é porque não têm realmente como pagar.

*Nem todos pagam. Tenho uns dez alunos que começaram pagando, depois pararam, mas eu achei que era melhor eles não saírem por causa de pagamento. Os que menos podem são os mais esforçados.*

As mensalidades pagas para explicadoras custam em média R\$ 60,00 (sessenta reais) por mês, referentes às aulas diárias de uma hora e meia ou duas horas de duração. As pré-escolas cobram cerca de R\$ 80,00 (oitenta reais) por mês para um turno de aula (manhã ou tarde), com média de quatro horas diárias cada um.

*Nossa creche surgiu por uma necessidade das famílias. A rotatividade tem sido grande. Tem mãe que já entrou e saiu mais de duas vezes este ano do trabalho e, conseqüentemente, retirou a criança da creche (referência à instabilidade financeira/desemprego, julho de 2016).*

As cuidadoras cobram mensalidades em torno de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) para cuidar de crianças em período integral, oferecendo alimentação. Quando a criança leva sua comida de casa, o valor pode diminuir para R\$ 180,00 (cento e oitenta reais). Segundo uma das entrevistadas, *"quem paga são os pais e eles são fiéis. Mesmo sendo o único dinheiro que têm em casa, eles não deixam de me pagar"*.

O horário de permanência da criança com a cuidadora varia de acordo com a necessidade da família. Uma das cuidadoras relatou que é muito comum a seguinte rotina: chegada das crianças às seis horas da manhã; às sete e meia a cuidadora ou uma auxiliar leva as crianças que estudam no turno da manhã para a escola; pega de volta ao meio-dia; às treze horas a cuidadora leva as crianças que estudam no período da tarde, busca novamente às dezessete horas e o responsável chega somente por volta das dezenove horas. Tem pais que precisam deixar as crianças até mais tarde e outros, inclusive, nos fins de semana.

Vale ressaltar que uma das cuidadoras entrevistadas relatou que, embora seja uma prática da maioria das cuidadoras, ela não tem condição de acompanhar a vida escolar das crianças. Ela explicita que não vai às reuniões e nem faz o dever de casa, se limitando a tomar conta para a criança não ficar na rua enquanto os pais trabalham.

A função de levar e buscar as crianças na escola geralmente é realizada pelos maridos desempregados das cuidadoras ou outro parente que ingressou no negócio, oferecendo um diferencial no serviço prestado às famílias. As instituições públicas de educação e a creche conveniada trabalham com o financiamento da Secretaria Municipal de Educação e pontualmente participam de programas federais.

A associação de moradores recebe uma taxa anual paga por famílias cadastradas e comerciantes. A prefeitura é responsável pelo salário de cinco garis comunitários encarregados do recolhimento do lixo e limpeza das ruas da comunidade. A gestão atual conseguiu que seis empresas vizinhas doem cestas básicas, distribuídas a partir de um cadastro das famílias. A maior parte dos entrevistados confessou seu desejo de atender com mais qualidade, principalmente melhorando a infraestrutura e adquirindo equipamentos e brinquedos novos, mas não há recurso para isso.

*Gostaria de comprar um lugar adequado, já que pago R\$ 400,00 (quatrocentos reais) pela casa, mensalmente. Queria que fosse um lugar mais amplo e com espaço para colocar jogos educativos. Para crianças de sete e oito anos os jogos são essenciais para estimular a leitura e as contas.*

## 4.5 Serviços

Alguns relatos, principalmente de gestoras de escolas particulares, enfatizaram o interesse em proporcionar para a criança um ambiente diferente do encontrado em casa, muitas vezes permeado por violência (brigas entre os responsáveis) e uso excessivo de jogos eletrônicos e TV. *“As crianças aqui não vão ficar o dia todo vendo TV, não! Quero fazer a diferença na vida delas”*, afirma uma das entrevistadas. Contudo, foi observado durante as entrevistas que a atividade mais comum realizada pelas crianças que permanecem com as cuidadoras foi assistir a desenhos animados na televisão, transmitidos por um canal fechado, disponibilizado pela “Gato-Net”<sup>16</sup>.

No Quadro 4 podemos observar as atividades declaradas pelas organizações como componentes de suas rotinas. Foram elencadas as atividades citadas por pelo menos um participante.

---

<sup>16</sup> Nas comunidades do Rio de Janeiro é comum encontrar o chamado “Gato-Net”, um sistema de TV fechada, com o sinal desviado ilegalmente, pirateado e comercializado para as famílias por valores que variam entre R\$ 50 e R\$ 80,00 (cinquenta e oitenta reais). Os responsáveis por tal comércio, geralmente, são traficantes ou milicianos, de acordo com o poder paralelo local.

## Quadro 4 – Atividades detalhadas oferecidas pelas instituições da amostra

TIPO DE INSTITUIÇÃO	ATIVIDADES PRESENTES EM UMA OU MAIS INSTITUIÇÕES
<b>Educação Formal</b>	Creche, pré-escola e Fundamental I: alimentação, estimulação do bebê, atividades de arte, lazer, banho, soninho, massinha, experiências científicas (sementinha), brinquedos de montar e de encaixe, jogos com formas geométricas, pintura, recorte, colagem, leitura e ballet.
<b>Cuidadora</b>	Toma conta de crianças, busca e leva a criança na escola, proporciona lazer, ajuda nos deveres de casa, frequenta a reunião de pais e responsáveis nas escolas, oferece almoço, lanche e jantar.
<b>Explicadora</b>	Explica as matérias escolares, auxilia nas tarefas escolares, cede <i>wi-fi</i> para os alunos fazerem pesquisa em seus celulares, quando há necessidade, ajuda as famílias alimentando alunos que chegam com fome, administra pequenas palestras e bate-papos sobre valores, como: capricho, responsabilidade, valorização dos pais, além de realizar trabalho de inclusão (dois autistas) e fazer com que tenham um contato com alguma espiritualidade (faz oração, mas não impõe religião).
<b>Esporte</b>	Futebol, natação, vôlei, atletismo e levantamento de peso.
<b>Arte e Cultura</b>	Percussão, circo, grafite, contação de histórias, coral e exibição de filmes e animações.
<b>Saúde</b>	Voltados para a primeira infância, a clínica oferece: grupo de puericultura (para responsáveis por bebês de até 15 dias de vida); grupo de alimentação saudável (para mães com filhos de 4 a 6 meses de idade).

Fonte: Dados da pesquisa de campo “Espaços Seguros para a Primeira Infância” – ESPI em Parada de Lucas (CIESPI/PUC-Rio, 2017)

As escolas comunitárias relataram a importância de se realizar eventos para as crianças e suas famílias, como festas juninas, formaturas infantis e Natal. No entanto, um dos maiores obstáculos para isso é a falta de espaços seguros na comunidade, bem como de recursos físicos e materiais para ampliar o espaço em suas próprias organizações.

#### **4.6 Famílias**

A maioria dos entrevistados trouxe questões relacionadas às famílias das crianças, mencionando que variáveis diversas do comportamento infantil como humor, disponibilidade para a participação, irritabilidade, dentre outras, são intensamente influenciadas pelo grau de estresse da família. Nesta perspectiva, identificamos fatores externos e internos do dinamismo familiar que influenciam na relação dos pais/responsáveis com a criança e entre si.

É importante ressaltar que, geralmente, os pais/responsáveis saem da comunidade às seis horas e só voltam às dezesseis horas, enfrentando nestes deslocamentos as agruras do trânsito da cidade do Rio de Janeiro.

Segundo relatos, estima-se que o traslado casa-trabalho de quem trabalha na zona sul dure, em média, 4 horas diárias (2 horas em cada percurso). Os meios de transporte não oferecem conforto, pois ônibus, trem e metrô estão sempre lotados nos horários de maior tráfego.

Além do cansaço com a viagem, o tempo de deslocamento configura-se como tempo precioso em que os responsáveis poderiam estar com seus filhos, em momentos de lazer ou fazendo atividades necessárias ao dia a dia da casa.

Gestores de pré-escola citaram:

*As mães estão sem paciência. Só querem saber se a criança já comeu e se já bebeu, mas a criança precisa contar sobre seu dia. Eu paro e as escuto. As crianças precisam de carinho e cuidado.*

*Elas (mães) pouco conversam com as crianças.*

*Eu não sei. As mães são muito novinhas, não têm instruções. Acho que elas teriam que ter mais estrutura, instruções, e assim teriam algo para passar para seus filhos. Já tivemos mães com 12 e 13 anos de idade. Vivemos uma epidemia de crianças grávidas.*

Estas falas estão relacionadas a alguns indicadores importantes:

- (a) desconhecimento das fases do desenvolvimento e necessidades das crianças;
- (b) cansaço da mãe que trabalha longe;
- (c) idade, mães adolescentes;
- (d) escolaridade baixa e
- (e) questão de gênero, pois naturaliza-se a crença de que a responsabilidade pela criança é unicamente da mãe.

Uma diretora disse que as famílias só podem dar aquilo que elas possuem e como não tiveram educação nem carinho satisfatórios, não sabem como agir com seus filhos, ficando ansiosas e nervosas, o que pode contribuir para os inúmeros casos de violência intrafamiliar citados. Estes casos aparecem diariamente por meio das falas, desenhos, brincadeiras e comportamento das crianças pequenas, o que pode trazer angústia para os profissionais que não sabem como auxiliar as famílias que estão vivendo essa situação.

#### **4.7 Acesso**

O acesso representa um momento tenso tanto para as famílias, quanto para as iniciativas comunitárias, pois trata-se de um inevitável percurso que a criança pequena faz para chegar às creches, escolas, igrejas etc. A tensão deve-se principalmente às incursões policiais e tiroteios que podem acontecer a qualquer hora do dia.

Em uma pré-escola ouvimos que *“os pais sempre pedem para não liberar as crianças se ouvir os fogos”*, pois estes acontecem na emergência de alguma ameaça ao tráfico de drogas local, como a entrada da polícia na comunidade. Todavia, os entrevistados relataram que o temor maior é ouvir o barulho dos fogos durante o trajeto entre a instituição e a casa e não terem como se proteger com as crianças.

A maneira como as crianças percorrem a distância entre suas casas e as instituições varia conforme o clima e os responsáveis que as acompanham.

Todos os entrevistados relataram que a maior parte das crianças atendidas chega a pé, e as demais, por moto (seis entre doze entrevistados da amostra) e bicicleta (dois entre doze entrevistados da amostra).

Diferentemente da Rocinha, o trânsito de Parada de Lucas não é caótico e não há circulação de ônibus dentro da comunidade. No entanto, quando surge qualquer ameaça ao movimento do tráfico de drogas, as motos passam a circular por becos e ruelas em velocidade muito alta, “sem respeitar quem está na frente”. Alguns entrevistados relataram que tal “correria” de motos pode acontecer em qualquer lugar da comunidade e em qualquer hora do dia.

A comunidade apresenta um acesso restrito para carros. Poucas ruas que permitiriam tal circulação ficam impedidas devido à presença de barricadas impostas pelo tráfico para controlar o fluxo e atrapalhar as incursões da polícia.

Isso não foi apresentado por nenhum dos entrevistados como um problema de acesso. Essa realidade sugere a naturalização de uma ordem opressora que limita o direito de ir e vir da população e pode causar fatalidades, como no caso de necessidade de um socorro médico.

Os entrevistados relataram que grande parte das crianças pequenas é conduzida por responsáveis adultos, e muitas são acompanhadas por irmãos e amigos. Dentre doze, cinco instituições entrevistadas indicaram que há crianças que acessam sozinhas as atividades oferecidas.

As gestoras de creches e pré-escolas particulares afirmaram que, para além do trajeto, há uma grande preocupação com quem busca a criança na escola, pois há o risco de pessoas não autorizadas fazerem isso. Diante de tal ameaça cada organização cria suas próprias estratégias para garantir maior segurança na hora da saída, como confeccionar carteirinhas e autorizações assinadas pelos responsáveis.

## **5. As instituições para crianças de 0 a 8 anos em Parada de Lucas são espaços seguros?**

O termo segurança vem do latim *securitas* e implica minimizar ou eliminar qualquer tipo de risco, como os que são relativos ao contexto social, geográfico, político etc. Segundo o artigo III da Declaração Universal dos Direitos Humanos *"Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal"*. Esse artigo evidencia que a segurança humana transcende o conceito mais amplo de segurança pública ao defender a segurança individual e comunitária das pessoas e das sociedades. Como é possível perceber, o termo "segurança" pode ser lido em diferentes âmbitos e assumir significados contextualizados que tornam sua análise complexa.

Nos ambientes da pesquisa notamos que ele se vincula diretamente à "resiliência", ou seja, à capacidade de adaptação às adversidades, tendo em vista que se vive em um contexto extremamente inseguro devido à presença da violência armada, especialmente.

Durante as entrevistas ficou claro que as pessoas compreendem "segurança" como um conjunto de medidas assumidas para proteger-se desta e de outras formas de violência, buscando estar seguras, mesmo que provisoriamente. As famílias e instituições em Parada de Lucas devem fazer, em seu cotidiano, esforços contínuos para evitar a exposição às situações mais perigosas.

Desta forma, compreendemos por que razão a maioria dos entrevistados na amostra intencional afirmou que suas organizações são consideradas um espaço seguro para crianças, ainda que em meio a fragilidades diversas. Dentro delas o risco da criança morrer alvejada por balas perdidas é bem menor do que brincando na rua, o que é dito de forma explícita nos depoimentos compilados por esta pesquisa.

Levando em consideração o exposto, serão abordados de maneira mais detalhada, a seguir, os fatores que os entrevistados consideraram seguros ou não para as crianças atendidas em suas organizações e iniciativas.

## 5.1 Fatores de segurança

Apenas dois dos doze entrevistados consideraram suas iniciativas ou instituições pouco seguras para as crianças. Para oito dos entrevistados, os fatores que ganharam maior destaque como argumento para comprovar a segurança de suas organizações foram sua infraestrutura, a qualidade do ensino, o carinho e a não violência.

A maioria dos entrevistados em Parada de Lucas declarou que o "carinho" seria o maior fator de segurança para as crianças: *"É seguro porque eu gosto deles (crianças), eu cuido deles com muito carinho. Cato piolho, compro remédio, cuido mesmo"* e *"Tenho carinho com as crianças e responsabilidade com amor"*, afirmou uma das cuidadoras.

O segundo fator mais citado foi a qualidade do ensino ou das ações propostas. A infraestrutura veio a seguir, mencionada por três dos doze entrevistados como fator de segurança: *"O espaço é seguro e a nossa infraestrutura é ótima"*. A "não violência" foi declarada como fator de segurança por dois dos entrevistados. Ela foi relacionada como contraponto ao contexto

das famílias, que apresentam em seu cotidiano cenas constantes de briga, e à rua, passível de imprevisíveis confrontos armados.

## 5.2 Fatores de insegurança

Sobre os fatores de insegurança internos às instituições e iniciativas comunitárias, os entrevistados foram quase unânimes em apontar aqueles relacionados à sua infraestrutura. Declararam que falta corrimão nas escadas e também tela de proteção ou grades nas janelas; que as salas e banheiros são muito pequenos e inadequados para crianças pequenas; que as escadas são íngremes e perigosas; que as salas nem sempre são arejadas e que a quantidade de janelas não é suficiente para as crianças suportarem as altas temperaturas comuns no Rio de Janeiro.

Durante a entrevista com uma das explicadoras observamos que ela ministrava duas horas de aula em uma sala de alvenaria com telhado de amianto, construída em cima da laje da casa de sua mãe.

O ventilador e os dois aparelhos de ar condicionado funcionando no local não davam vazão ao calor de um dia ameno de primavera carioca. A sujeira e o acúmulo de livros entulhados em prateleiras no canto da sala tornavam o ambiente ainda mais insalubre.

Observamos durante as entrevistas que as crianças atendidas em escolas particulares e nas casas das cuidadoras, principalmente, ficam aglomeradas em pequenos cômodos, com pouca ventilação. O espaço disponível é limitado para a movimentação das crianças, tão necessária ao desenvolvimento infantil. As agentes comunitárias de saúde (ACSs), no grupo focal sobre os espaços seguros, corroboraram esta percepção, chamando atenção também para o fato de que esses ambientes fechados, quentes e úmidos aumentam o risco de proliferação de várias doenças, principalmente na primeira infância.

Outro fator destacado por uma das instituições foi o autoritarismo de certos pais,

apontado como fonte de insegurança para o sucesso do projeto na comunidade, por gerar constrangimento nas crianças. Nas palavras do entrevistado: *"Eles (responsáveis) são abusados/autoritários para falar com as crianças. O jeito que abordam as crianças. Eles fazem coação. As crianças se sentem intimidadas pelo poder"*.

A diretora de uma das creches, situada numa zona de confronto intenso, afirmou que não pode deixar as crianças brincarem na parte aberta da creche. Além disso, relatou que o pátio foi tomado pelo tráfego e transformado em estacionamento – os membros do tráfego alugam as vagas para os moradores e, por isso, os alunos ficam durante o dia todo nas salas. O pequeno espaço reservado para o solário tampouco é utilizado para estar com os bebês, pois a equipe tem medo da exposição a balas perdidas. Segundo a descrição da diretora, uma das salas do andar superior apresenta duas perfurações de balas de fuzil, como mostrado na Figura 4.

**Figura 4 – Sala com perfuração de bala**



Fonte: Acervo do CIESPI/PUC-Rio

## **6. Parada de Lucas é uma comunidade segura para crianças de 0 a 8 anos?**

A maioria dos entrevistados, ao ouvir a pergunta sobre a segurança de outros locais abertos na comunidade para crianças pequenas se desenvolverem, reagiu de forma imediata afirmando: *"aqui não tem nada para crianças!"* Não deixaram dúvidas de que, mesmo demandando muitas mudanças estruturais, as instituições fechadas são mais seguras para as crianças do que a rua ou outros espaços abertos na comunidade. Aos poucos, os entrevistados foram citando outros locais frequentados por crianças pequenas ou que poderiam ser frequentados, dentro e fora da comunidade, para além de suas casas e de suas próprias organizações.

## 6.1 Espaços externos à casa frequentados por crianças de 0 a 8 anos de idade

Segundo os participantes da pesquisa existem lugares na comunidade que poderiam ser propícios para as brincadeiras infantis. Alegam, entretanto, que as famílias não levam as crianças para lá e não permitem que elas os acessem devido à presença do tráfico e a iminência de confrontos armados.

Veremos a seguir que locais são esses e se são considerados seguros ou não para crianças pequenas, de acordo com as entrevistas.

### Quadro 5 – Espaços existentes para crianças de 0 a 8 anos em Parada de Lucas

ESPAÇO FREQUENTADO POR CRIANÇAS	Nº DE CITAÇÕES	São considerados seguros?	
		Sim	Não
Quadras esportivas	6	3	3
Escolas (Cruzada São Sebastião)	4	3	1
Bailes (funk e pagode)	3	1	2
Piscina comunitária	2	-	2
Pracinhas	2	1	1
AfroReggae	2	1	1
Creches	1	-	1
Lan house	1	1	-
Quadra Unidos de Parada de Lucas	1	1	-
Campo de futebol	1	1	-
Ruas e becos	1	-	1
<b>FORA DA COMUNIDADE</b>			
Shopping (Penha, Via Brasil, Carioca e Norte Shopping)	5	5	-
Praia (Ramos)	2	-	2
Museus (Centro da Cidade)	2	2	-
Quinta da Boa Vista	1	-	1
Parque Shanghai (Penha)	1	1	-

Fonte: Dados da pesquisa de campo “Espaços Seguros para a Primeira Infância” – ESPI em Parada de Lucas (CIESPI/PUC-Rio, 2017)

Como pode ser observado no Quadro 5 acima, alguns lugares dividem a opinião dos entrevistados em termos de segurança para as crianças pequenas. Seguiremos detalhando características, citadas pelos entrevistados, que justificam sua avaliação.

## **6.2 Os fatores de segurança nos espaços externos**

Alguns entrevistados consideraram as duas praças, assim como as duas quadras e o campo, como sendo espaços comunitários seguros para os moradores. Outros, no entanto, afirmaram que não são seguros, pois informantes e vendedores do tráfico rondam esses locais frequentemente. A Figura 5 mostra a pracinha na entrada da comunidade.

**Figura 5 - Praça na entrada da comunidade**



Fonte: Acervo do CIESPI/PUC-Rio

As escolas também foram avaliadas de formas distintas. Alguns declararam que as escolas são seguras porque “*não deixam acidentes acontecerem*” e outros afirmaram que as escolas públicas (na comunidade e no seu entorno) não são seguras, usando como argumentos: “*a escola é aberta, entra qualquer pessoa*” ou “*a escola não é segura, porque não tem recursos*”. A primeira afirmação retrata a realidade de muitos pais que por vezes não conseguem estar disponíveis para buscar as crianças no horário oficial de saída, às dezesseis horas, tendo que delegar esta tarefa para alguém. Já a segunda faz alusão à irregularidade das atividades, uma vez que as creches e escolas públicas podem dispensar as crianças a qualquer momento por falta de algum professor, alimentação insuficiente para alguma refeição ou por causa dos confrontos armados. A *lan house* foi identificada por um participante como um espaço seguro em relação à rua, que inclui a

constante presença de um adulto para tomar conta das crianças.

Fora da comunidade, os lugares citados como os mais frequentados pelas crianças e suas famílias foram cinco *shoppings* de referência da comunidade, considerados seguros. As famílias frequentam esses espaços menos de uma vez por mês, segundo nossa guia, pois são relativamente distantes (não é possível acessá-los a pé) e caros para a sua realidade econômica.

Os museus do Centro da cidade foram citados por duas entrevistadas como lugares fora da comunidade seguros para crianças pequenas. Entretanto, são pouco acessados, já que “*as mães não têm essa visão/conhecimento da importância desses espaços de arte*”. Outros fatores como preço da passagem e tempo para investir nesse tipo de passeio podem constranger a saída das famílias de seu território.

### 6.3 Os fatores de insegurança nos espaços externos

O campo de futebol, segundo alguns moradores, era muito frequentado, havia campeonatos e os pais sempre levavam os filhos aos jogos. Todavia, existe uma questão quanto ao pertencimento da área e a Marinha do Brasil retirou a ponte que encurtava o caminho entre a comunidade e o campo. O trajeto ficou mais longo e perigoso, por isso o campo está praticamente abandonado.

Outro lugar que os entrevistados conhecem bem é a Quadra *Society*, citada por alguns como segura e por outros como insegura. Constatamos, ao passar pela quadra algumas vezes, que era sempre visível a presença de grupos do tráfico, o que impediu o registro fotográfico do local. Mesmo com essa presença notória, o isolamento geográfico do campo de futebol fez com que a quadra passasse a ser mais frequentada pelos moradores, principalmente jovens e adultos.

Dois entrevistados relataram que há na comunidade um “parque aquático”, uma piscina coletiva, pertencente ao tráfico. Algumas famílias a frequentam no verão, mesmo não tendo ligação direta com o tráfico. Durante toda a pesquisa foi possível constatar que o tráfico tem ingerências profundas na comunidade. Várias pesquisas vêm relatando sobre práticas comuns do “poder” paralelo na vida comunitária (ZALUAR; ALVITO, 1998) e em Parada de Lucas não é diferente. Um dos moradores comentou:

*Vivo aqui há vinte e um anos e nunca tive problemas com o tráfico. Eles oferecem tickets para comprar pão e cestas básicas. Eu não pego, mas quem pega tem que se submeter a eles.*

Os bailes de funk e pagode (promovidos pelo tráfico) foram citados por três dos doze entrevistados como possível lugar a ser frequentado por crianças na comunidade. Relata um dos entrevistados que “as crianças ficam com a mãe no baile até três ou quatro horas da manhã”. Quando ele acontece aos domingos, as crianças raramente saem cedo de casa no dia seguinte.

A frequência nos bailes é a causa do maior índice de falta nas escolas, creches, cuidadoras e explicadoras, nas segundas-feiras.

*As meninas novinhas levam as crianças para o baile. Elas vão dançar e as crianças fazem e veem de tudo no baile: bebem os restos de cerveja dos copos da mesa, conhecem maconha etc.*

*Dentro da comunidade não tem nada, só baile funk, que as crianças vão com as mães e não é seguro. É na rua, pode ter tiroteio.*

As ruas, ruelas e becos de Parada de Lucas são pavimentados, mas permeados de barricadas, emaranhados de fios pelos postes e esgoto a "céu aberto", conforme observado na Figura 6. São descritos como sendo os lugares mais perigosos da comunidade, como já mencionado. Uma das entrevistadas afirmou: "*não deixo meus filhos brincarem na rua ou no beco. Podem ser atropelados e na rua larga é perigoso, pois tem muita bala achada*" (refere-se ao que é popularmente chamado

**Figura 6 - Esgoto a céu aberto**



Fonte: Acervo do CIESPI/PUC-Rio

Observamos um grande número de crianças, aparentemente entre quatro e oito anos de idade, que se divertia correndo, soltando pipa, brincando de escolinha e casinha nas calçadas. Este fato contrasta com a constante alegação de que as crianças não brincam nas ruas. Algumas crianças abordadas durante as caminhadas relataram sobre o perigo de tiroteio a qualquer momento. Mas, a vontade de brincar e se divertir seria mais forte. Intuímos, pelos olhares e sorrisos, que não seria possível conter essa expansão de energia dentro dos pequenos cômodos das casas. O que os adultos afirmam ser muito arriscado, para as crianças parece ser uma aventura.

## **7. Considerações da pesquisa**

A pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” em Parada de Lucas conduziu as perguntas intencionalmente de forma que viabilizassem em sequência a autodescrição das organizações e iniciativas, a identificação do cenário comunitário e as mudanças possíveis para um crescimento mais seguro nesse local. Essa metodologia permitiu que a pesquisa também tivesse um cunho de intervenção (BARROS; PASSOS, 2000). As ações que compuseram a pesquisa buscaram chamar a atenção da comunidade para a necessidade de propiciar um contexto mais seguro e adequado, tendo em vista o desenvolvimento integral de crianças pequenas. Ao serem instigados a refletirem sobre possibilidades de mudanças, alguns dos entrevistados transcendiam às descrições e faziam elaborações de planos para suas instituições e para a comunidade. Alguns destes sonhos e planos seguem descritos no próximo tópico.

### **7.1 O que poderia aumentar as condições de segurança nas instituições?**

Os entrevistados acreditam que, enquanto existir a violência armada, seria prudente que houvesse mais lugares fechados para as crianças pequenas se divertirem e se desenvolverem. A respeito das lacunas que tornam as instituições inseguras, os entrevistados pontuaram que, na história das organizações,

vários investimentos foram realizados, mas ainda falta muito a ser feito. Por isso enfatizaram a necessidade de investimento em questões relacionadas à infraestrutura.

A maioria das organizações e iniciativas possui sua sede em prédios de dois ou três pavimentos. No geral, as escadas são íngremes e quando questionados sobre possíveis melhorias, dois dos entrevistados declararam que a escada deveria ser reformada, teria que ter redes de proteção, corrimão e os degraus deveriam ser mais baixos.

Uma das entrevistadas, que alugava uma casa de dois andares para executar seu serviço, afirmou: *"A escada é sem proteção adequada. A sacada no andar de cima vive fechada, pois tem fios de alta tensão na rua, bem próximos, e criança é curiosa, pode cair"*.

Devido a esta constituição vertical das construções projeta-se o sonho de diversas melhorias: *"Não temos elevador para atender deficientes e nossas aulas são em cima"* (no segundo andar), *"sonho com a construção do terraço para a recreação, compra de uma casa de bolinhas para as crianças pequenas, escorrego e TV com DVD"*.

Como a maioria das instituições participantes eram iniciativas privadas, houve na pesquisa poucas citações sobre a falta de investimento do Poder Público para a melhoria ou ampliação de seus serviços. Porém, cabe frisar que a existência destas instituições privadas que sobrevivem com muito sacrifício se dá no vazio deixado pelo Estado no provimento e manutenção de creches públicas de qualidade para todas as crianças, como preconiza a lei.

As instituições que dependem de mensalidades pagas pelos pais apontaram que uma melhor condição financeira das famílias possibilitaria o aumento do valor cobrado, viabilizaria a realização de obras, aquisição de equipamentos mais adequados e brinquedos novos.

A comunidade entende que é preciso melhorar a situação de vida das famílias, que necessitam de melhores condições de trabalho, por exemplo. Isso deixaria os pais mais tranquilos em relação aos seus filhos. Sobre o estresse vivido nas famílias, um dos entrevistados chegou a afirmar:

*Eu gostaria de ter condições para levar meus alunos para lugares educativos, isso ajuda muito. Eu fazia isso com meus filhos e não tinha dinheiro. São passeios baratos, como Quinta da Boa Vista e museus.*

Outra solução proposta foi poder ouvir as histórias dessas mães, pais ou avós. Segundo os entrevistados, as avós continuam aparecendo como responsáveis pelas crianças, e de forma cada vez mais frequente. Uma das explicadoras acredita que ouvindo as demandas e histórias das mães e avós, elas poderão desenvolver mais sensibilidade para ouvir seus filhos e netos.

A violência intrafamiliar foi ressaltada como uma constante. A maioria dos entrevistados argumentou que é preciso criar

um ambiente diferente, com salas acolhedoras e carinhosas. Eles sugerem ainda que a interação com psicólogos e assistentes sociais por meio do posto de saúde poderia auxiliá-los nos encaminhamentos dos casos de violência intrafamiliar.

No Centro Especializado de Assistência Social (CREAS) existe o serviço de Proteção e Atendimento Especializado a Famílias e Indivíduos (PAEFI). Este serviço deve apoiar, orientar e acompanhar as famílias com um ou mais de seus membros em situação de ameaça ou violação de direitos<sup>17</sup>. No entanto, o CREAS Nelson Carneiro que atende Parada de Lucas fica no bairro de Ramos, relativamente distante, a aproximadamente 8,3Km, o que dificulta seu acesso, devido a precária situação financeira das famílias, já mencionada. Também falta informação sobre o serviço por parte da população. A criação de um elo entre os serviços oferecidos em Parada de Lucas e a equipe do PAEFI, do CREAS Nelson Carneiro, seria uma possibilidade para o cuidado dessas famílias.

A Clínica da Família dispõe do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF)<sup>18</sup> composto por profissionais de diferentes áreas de conhecimento, que atuam de maneira integrada, apoiando as equipes de Saúde da Família e de Atenção Básica para populações específicas, compartilhando as práticas e saberes em saúde nos territórios sob responsabilidade dessas equipes.

O depoimento de um dos entrevistados que diz: *"as mães não podem pagar por atendimento de especialistas e nem passagens para fazer tratamento, várias vezes por semana ou por mês"*, ilustra bem a importância desses serviços.

## **7.2 O que poderia aumentar as condições de segurança nos espaços externos?**

*Falta muita coisa da área social, cultura, esporte, teatro, música e dança, algo para aumentar a autoestima. Isso daria outra vertente ao desenvolvimento das nossas crianças. Do Estado só temos fuzil e caveirão.*

A citação acima é muito representativa da realidade dessa comunidade. Representa o descaso do Estado, que se faz majoritariamente presente, segundo os moradores, nas intervenções armadas contra o tráfico de drogas. O sentimento apreendido no estudo é de total descaso do Poder Público com os moradores de Parada de Lucas. É preciso que haja implementação e manutenção de políticas básicas como ampliação de vagas em creches e escolas, revisão do sistema de esgoto, dragagem do valão e criação de alternativas para cobri-lo ou outras possíveis soluções que o façam menos danos para a comunidade.

Considera-se crucial uma negociação com os órgãos de segurança pública para rever a hora e a forma de suas intervenções.

<sup>17</sup> Sobre este serviço, acesse: PORTAL BRASIL. **Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS**. Atualizado em 28 jul. 2014. <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/10/centro-de-referencia-especializado-de-assistencia-social-creas>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

<sup>18</sup> O Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) foi criado com o objetivo de ampliar a abrangência e o escopo das ações da atenção básica, bem como sua resolubilidade. O NASF deve buscar contribuir para a integralidade do cuidado aos usuários do SUS, principalmente por intermédio da ampliação da clínica, auxiliando no aumento da capacidade de análise e de intervenção sobre problemas e necessidades de saúde, tanto em termos clínicos quanto sanitários e ambientais dentro dos territórios. Para saber mais, acesse: <[http://dab.saude.gov.br/portaldab/nasf\\_perguntas\\_frequentes.php](http://dab.saude.gov.br/portaldab/nasf_perguntas_frequentes.php)>. Acesso em: 5 jun. 2017.

O temor das famílias em relação à polícia militar se deve ao modo como entra na comunidade, em qualquer hora do dia, atirando<sup>19</sup>. Invadem a casa de qualquer morador que considerem suspeito por estar escondendo armas ou drogas, sem nenhum tipo de mandato ou solicitação de revista. Essa tem sido a realidade de inúmeras comunidades de baixa renda no Rio de Janeiro. Compreende-se, desta forma, que o Estado continua, em suas práticas capilares, criminalizando a pobreza (COIMBRA, 2006). Uma das pessoas entrevistadas nos afirmou que:

*A polícia já parou um aluno meu (seis ou sete anos), dizendo que o menino era bandido, porque estava de mochila e sem uniforme. Ele estava saindo daqui e indo para casa e acabou levando uma dura da polícia.*

É urgente e necessária a efetiva implementação de leis referentes aos direitos humanos, principalmente direitos humanos de crianças e adolescentes legalmente considerados prioridade em nossa nação (ECA, 1990).

Os escassos lugares de diversão e socialização na comunidade, como praças e espaços para esportes se mantêm sob domínio dos grupos atuantes no tráfico de drogas. Eles estão presentes em qualquer hora do dia ou da noite, afastando as famílias que não querem expor as crianças às cenas de venda das drogas. Outra cena rechaçada é composta por adolescentes portando rádios comunicadores, armas e andando com suas motos caras, afirmando certo status de poder naquele território. A direção da escola local afirma que é imprescindível uma sensibilização dos alunos, orientando-os sobre os perigos de uma possível relação com o tráfico de drogas. Argumenta que ao presenciarem um adolescente nesse "lugar" de poder, as crianças e adolescentes não compreendem o quão perigoso, arriscado e danoso ele é em sua vida. Nesse senti-

*É urgente tirar as crianças das ruas. Elas deveriam estar dentro do Afroreggae ou de outra organização que ofereça cursos na área de educação, como incentivo à leitura, reforço escolar gratuito etc. Precisamos de praças e mais áreas de lazer.*

<sup>19</sup> Sobre fatos que comprovam a violência do Estado: VAZ, Thiago. **Criminalização da pobreza e violência do Estado**. Observatório da imprensa, publicado em 15 abr. 2014, edição 794. <[http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/\\_ed794\\_criminalizacao\\_da\\_pobreza\\_e\\_violencia\\_do\\_estado/](http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/_ed794_criminalizacao_da_pobreza_e_violencia_do_estado/)>. Acesso em: 25 jan. 2016.

Vários líderes e gestores de organizações locais reivindicaram mais atividades culturais e educacionais que possibilitariam “tirar” das ruas estas crianças que perambulam sem alternativas de diversão ou segurança. Por isso, estruturas que ofereçam atividades, principalmente no contraturno, são apontadas como fundamentais para Parada de Lucas, assim como para outras comunidades de baixa renda com forte inserção do tráfico.

De forma geral, os entrevistados clamam pela existência de espaços lúdicos e seguros para as crianças poderem brincar. O Marco Legal da Primeira Infância (Lei nº 13.257/2016), em seu art. 5º, afirma que o brincar, o espaço e o meio ambiente constituem áreas prioritárias para as políticas públicas para a primeira infância e, no art. 17º, que é dever do Estado e do município organizar e estimular a criação desses espaços, bem como, oportunizar ambientes livres e seguros nas comunidades.

## **Conclusões**

Concluimos que é importante afirmar ações que busquem o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, para além de políticas voltadas prioritariamente à sobrevivência da criança pequena. De acordo com o Plano Municipal pela Primeira Infância (PMPI RJ), é preciso implementar práticas que permitam que as crianças se desenvolvam plenamente nas múltiplas dimensões que a constituem física, social, emocional e cognitivamente.

A integralidade vai além da soma das ações e pressupõe que todas as políticas públicas foquem no conjunto das necessidades das pessoas, famílias e comunidades. Este é o atual desafio de atores dos diferentes níveis do governo: municipal, estadual e federal.

As análises resultantes da pesquisa “Espaços Seguros para a Primeira Infância” (ESPI) comprovou, a partir das comunidades pesquisadas, que a atenção demandada por questões próprias da primeira infância deve ter um foco mais intenso em territórios de baixa renda.

Tais locais apresentam menos aparato de políticas públicas e convivem com a intensa violência dos confrontos armados entre tráfico de drogas e o Estado, o que tem interferido diretamente no desenvolvimento infantil de crianças nessa faixa etária e nesses territórios.

No quadro a seguir, apresentamos uma compilação de propostas objetivas apontadas pelos representantes das instituições e iniciativas para tornar a comunidade de Parada de Lucas um lugar melhor para o desenvolvimento de crianças de zero a oito anos de idade. As propostas estão organizadas de acordo com os eixos temáticos apresentados no PMPI RJ.

**Quadro 6 – Prioridades destacadas em Parada de Lucas, por eixos do PMPI RJ**

<b>EIXO DO PMPI RJ</b>	<b>PRIORIDADES COMUNIDADE DE PARADA DE LUCAS</b>
<b>SAÚDE</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ampliar número de vagas por turno e qualificar o atendimento de emergência no Hospital Getúlio Vargas, na Penha, e na UPA Infantil, em Caxias;</li> <li>- Promover mais resolutividade no âmbito da Clínica da Família em relação às demandas da comunidade, para se reduzir os encaminhamentos para outros serviços longe do território;</li> <li>- Fortalecer o Fórum da Rede organizado na Clínica da Família e ligar a Rede à Coordenadoria de Atenção Primária (CAP), da Secretaria Municipal de Saúde (SMS);</li> <li>- Intensificar o cuidado no acolhimento de crianças, evitando que voltem da Clínica da Família sem nenhum tipo de atendimento ou orientação;</li> <li>- Ter um lugar público e próximo à Parada de Lucas com especialistas que atendam o público infantil (pediatria, ortopedia, oftalmologia, fonologia, psicologia etc.);</li> <li>- Criar elo com empresas que possam doar ou baratear óculos de grau para crianças com problemas de visão.</li> </ul>
<b>EDUCAÇÃO INFANTIL</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aumentar o número de vagas em creches e pré-escolas públicas;</li> <li>- Ampliar o horário integral nas creches;</li> <li>- Promover a educação em saúde, com temas como: manuseio e descarte corretos do lixo, alimentação saudável e cultura da paz.</li> </ul>

**CULTURA E ESPORTE/ LAZER**

- Ter um bom lazer na comunidade, com lugares adequados para oferecer mais cursos de percussão, teatro, judô, capoeira, futebol, natação, dentre outros;
- Promover atividades de contraturno com recreação dirigida em horários distintos, incluindo os sábados, e vinculados a frequência escolar;
- Instalar aparelhos de ginástica nas praças dentro da comunidade;
- Lutar por um espaço de lazer na comunidade, fechado e seguro;
- Facilitar às famílias o acesso a outras áreas da cidade que oferecem cultura, esporte e lazer: zoológico, museus, teatros etc.

**CIDADE/ ESPAÇO URBANO**

- Garantir a segurança, manutenção e a construção de mais parquinhos públicos abertos e arborizados;
- Criar oportunidade para as crianças ocuparem as pracinhas;
- Dragar o valão frequentemente;
- Ampliar e renovar a rede de esgoto sanitário;
- Criar lugares estratégicos para a coleta de lixo.

**PREVENÇÃO AS VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS**

- Criar programas de prevenção ao ingresso de adolescentes e jovens no tráfico de drogas;
- Negociar com os órgãos de segurança pública para reverem a hora e a forma de suas intervenções;
- Diminuir a exposição das crianças a diversas formas de violência, especialmente a violência armada;
- Trabalhar temas como carinho e educação com os pais, pois às vezes não sabem como agir com seus filhos, ficando ansiosos e nervosos, o que pode contribuir para a origem de casos de violência intrafamiliar;
- Oportunizar a escuta das famílias e respeitar suas histórias, para que elas possam ouvir suas crianças.

Fonte: Dados da pesquisa de campo “Espaços Seguros para a Primeira Infância” – ESPI em Parada de Lucas (CIESPI/PUC-Rio, 2017)

Ressaltamos que nove dos doze entrevistados destacaram a urgência da implementação de projetos que recebam as crianças no horário do contraturno escolar, propiciando atividades como esporte, arte e cultura. Eles propõem que haja atividades aos sábados e, durante a semana, durante o terceiro turno, pois o segundo turno das escolas e creches termina geralmente às dezesseis horas e muitas crianças ficam nas ruas até seus pais chegarem, por volta das dezenove ou vinte horas.

Concluimos que os inúmeros desafios identificados precisam ganhar mais visibilidade, discussões comunitárias e elaboração de estratégias para pressionar e ativar a atuação do Poder Público. Esperamos que esta pesquisa sirva como instrumento para a construção de planos de ação que venham contribuir para a criação e ampliação de lugares adequados para crianças de zero a oito anos de idade se desenvolverem de forma mais segura em Parada de Lucas. Indicamos, também, que esta pesquisa seja utilizada para inspirar e subsidiar ações governamentais, comunitárias e da sociedade civil para a implementação do PMPI RJ.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVITO, Marcos. **As cores de Acari**: uma favela carioca. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil**: observações, adequações e inclusão. São Paulo: Moderna, 2012.

ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (Org.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

## ARQUIVOS ELETRÔNICOS CONSULTADOS

ADVANCING EARLY CHILDHOOD DEVELOPMENT: FROM SCIENCE TO SCALE. Disponível em: <<http://www.thelancet.com/series/ECD2016>>. Acesso em: 18 out. 2016.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **História e memória de Vigário Geral**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. Disponível em: <[http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project\\_reading/O\\_VigarioGeral-Miolo.pdf](http://www.hotsitespetrobras.com.br/cultura/upload/project_reading/O_VigarioGeral-Miolo.pdf)>. Acesso em: 18 out. 2016.

ARMAZÉM DOS DADOS. Disponível em: <<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/> e Otics: <http://redeoticsrio.org/rede.html>>. Acesso em: 15 maio 2016.

BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade. **Psicologia**: teoria e pesquisa, Brasília, v. 16, n. 1, p. 71-79, 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000100010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-37722000000100010&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 6 nov. 2006.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. **Art. 208, inciso IV da Constituição Federal**, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente** - ECA. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 10 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** - LDB. Lei nº 9.394, de 1996. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 31 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **Marco Legal da Primeira Infância** - Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/l13257.htm)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação - MEC. **Seja um professor**. Disponível em: <<http://sejaumprofessor.mec.gov.br/internas.php?area=como&id=requisitos>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE A INFÂNCIA (CIESPI/PUC-Rio). **A importância da primeira infância**. Disponível em: <<http://www.ciespi.org.br/media/Artigos/Primeira%20infancia%20pesquisas%20politicass%20publicas%20e%20praticas%20Nov%202012.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2017.

\_\_\_\_\_. **A criança na primeira infância em foco nas pesquisas brasileiras**. Disponível em: <[http://www.ciespi.org.br/media/Artigos/2014\\_CriancaNaPrimeiraInfancia.pdf](http://www.ciespi.org.br/media/Artigos/2014_CriancaNaPrimeiraInfancia.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2017.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Direitos humanos e criminalização da pobreza**. In: I Seminário Internacional de Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje, out. 2006, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: <[http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos\\_sti/Cec%C3%ADlia%20Coimbra/texto54.pdf](http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Cec%C3%ADlia%20Coimbra/texto54.pdf)>. Acesso em: 16 nov. 2016.

CONCEITO DE SEGURANÇA. Disponível em: <<http://queconceito.com.br/seguranca>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

DADOS SOBRE ESCOLAS PÚBLICAS CARIOCAS. Disponível em: <<http://www.escolas/>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo mostra as diferenças territoriais das comunidades brasileiras**. 2011. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2013/11/censo-2010-mostra-as-caracteristicas-e-diferencas-territoriais-das-comunidades-brasileira>>. Acesso em: 20 out. 2016.

O QUE É SEGURANÇA? Folha de S. Paulo. Publicado em: 13 fev. 2012. Disponível em: <<http://direito.folha.uol.com.br/em-seguranccedila/o-que-segurana-parte-1-de-3>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS - ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris, 10 dez. 1948. Disponível em: <[http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2017.

OS NÚCLEOS - PARADA DE LUCAS. **InfoReggae**, ed. 8, 30 ago. 2013. Disponível em: <<http://www.afroreggae.org/wp-content/uploads/2014/05/InfoReggae-Ed.-08-N%C3%BAcleos-do-AfroReggae-Parada-de-Lucas.pdf>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

OZON, Cynthia; BUSH, Malcolm. **Relatório da pesquisa Espaços Seguros para a Primeira Infância na Rocinha**. 2016. Disponível em: <[http://www.ciespi.org.br/media/Pesquisas%20e%20Políticas%20Publicas/1ESPI\\_Relatorio.pdf](http://www.ciespi.org.br/media/Pesquisas%20e%20Políticas%20Publicas/1ESPI_Relatorio.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2017.

PELEGRINO, Ana Paula. **Por que matamos tantos jovens negros no Brasil?** #Carta, publicado em 15 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/por-que-matamos-tantos-jovens-negros-no-brasil-2387.html>>. Acesso em: 5 nov. 2016.

PLANO MUNICIPAL PELA PRIMEIRA INFÂNCIA NO RIO DE JANEIRO. Deliberação nº 1.042/2013. Aprovado em 11 de novembro de 2013. Disponível em: <<http://www.ciespi.org.br/media/Livros%20e%20Periodicos/Livros%20e%20periodicos%20pg%201/3PMPI.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2017.

RIO EM NÚMEROS. Disponível em: <[http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros cariocas/index\\_bairro.htm](http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros cariocas/index_bairro.htm)>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (SMS); CLÍNICA DA FAMÍLIA JOÃOSINHO TRINTA. **Mapa da comunidade de Parada de Lucas**. Disponível em: <<http://www.tanomapa.org/comunidade/parada-de-lucas>>. Acesso em: 10 ago. 2016.



**Rio de Janeiro/Brasil**  
**Novembro 2017**

**[www.ciespi.org.br](http://www.ciespi.org.br)**